

***O QUE A EDUCAÇÃO É
mesmo quando nos querem fazer acreditar que
nunca foi, ou não é mais***

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

Há dois legados duradouros que podemos transmitir aos nossos filhos: Um raízes; outro; asas.

Holdings Carter

A educação é essencial e é insubstituível

A educação é essencial e é insubstituível. Dentre todas as práticas culturais da vida humana e da experiência de sociedades como a nossa dificilmente alguma outra será tão indispensável quanto a educação. Ela esteve presente no passado de todo o processo civilizatório. Ela está agora e estará no futuro, dentro do eixo mais central das descobertas humanas e das aventuras do conhecimento, das buscas de sentido para vida e das alternativas de relações verdadeiras entre nós, seres humanos, e entre nós e outros seres e dimensões de nossos mundos.

Em todas as suas dimensões e em seus múltiplos significados, palavras como: *desenvolvimento, justiça, igualdade, liberdade, consciência, criatividade, liberdade, partilha e solidariedade*, na verdade só podem ser ou vir a ser uma realidade humana, depois de passarem pelo trabalho do educador. Porque a educação é a principal realizadora da formação de pessoas humanas como tipos desejados de atores sociais. Porque a educação é e seguirá sendo um mediador fecundo e poderoso entre a experiência vivida do cotidiano de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, e os planos mais amplos de reflexão, de compreensão da Vida e de aprendizado de um pensar autônomo e dirigido ao bem.

Em si mesma, a educação não é chamada a estabelecer a justiça e a liberdade, a solidariedade, a igualdade e qualquer outro valor ou direito humano. Não é tarefa sua, mas nada disto floresce sobre o solo da vida social sem que pessoas concretas estejam imbuídas de uma disposição autêntica para uma experiência responsável e solidária de interações com os outros. A educação não é, também, uma responsável única por tal tipo de tarefa social. Sozinha ela não faz coisa alguma, mas sem ela socialmente não se faz nada. Respondendo por anos e anos de aprendizado das diferentes gramáticas da vida em sociedade, e pelo diálogo entre pessoas e entre gerações de pessoas, ela é co-responsável, por estabelecer, interativa e culturalmente, as condições da criação e da circulação de saberes, de valores, de motivações e de sensibilidades que gerem sem cessar pessoas humanas conscientes e amorosamente responsáveis pelos seus atos e gestos. Pessoas educadas para serem seres sensíveis o bastante para responderem

pela existência de mundos humanos destinados à realização plena da vida e da felicidade estendida a todas as pessoas.

Alguns economistas e inúmeros estudiosos críticos das sociedades convergem em um ponto. Pode haver *crescimento* econômico sem a educação. Sem uma ampliação quantitativa e qualitativa de todo um processo social de trabalho pedagógico dirigido à formação de pessoas para uma vida social consciente e responsável e para uma resposta competentes às exigências do mercado de trabalho. Mas não há um verdadeiro *desenvolvimento* econômico e humano sem uma ampliação do poder simbólico da educação na sociedade.. Criam-se pontes entre os lugares físicos de uma nação, edificam-se usinas e levantam-se paredões de represas para que os rios da terra dobrem ou tripliquem o seu poder de transformar as suas águas em formas de energia. Mas nada disto se consolida como um bem de mercado ou, melhor ainda, como uma realização social, se não se criam pontes interiores entre pessoas e o conhecimento. Há uma energia essencial ao desenvolvimento e à transformação e ela está no interior das pessoas. O seu fator de mobilidade é o conhecimento e o seu veículo é a Educação.

Somos seres vocacionados à perene “aventura do aprender”; assim sendo, a razão de ser da educação retorna a ela mesma, isto é, a nós, eternos e incansáveis aprendentes e educandos

E uma grande transformação começa a acontecer na educação, por toda a parte. Ela em boa medida conspira contra a radicalidade do último parágrafo do item acima. A educação retoma e revisita algumas idéias antigas e que, agora, em nossos dias, voltam com uma enorme força de sentido. Remam contra a corrente, mas remam com força.

Recomeçamos a compreender que a Educação deve deixar de ser uma espécie de meio-para-alguma-coisa, e deve de fato se transformar em um fim-em-si-mesmo. Melhor ainda, em um meio cujo fim não é alguma espécie de *crescimento* ou mesmo de *desenvolvimento econômico*, mas é o *desenvolvimento humano*. E se esta idéia de passagem vale para projetos de desenvolvimento econômico dentro de um ideário da construção socialista de uma sociedade solidária, deve valer mais ainda quando o desenvolvimento econômico proposto não serve diretamente a algo mais do que a ampliação do poder dos interesses do capitalismo em sua versão neoliberal

Temos cada vez mais reconhecido que a vocação da educação, em um mundo instável e mutante como o da era que vivemos nesta “virada de milênio”, não é tanto o preparar crianças, adolescentes, jovens e adultos para algo exterior e, principalmente, oposto à realização da pessoa humana em cada momento do agora de seu presente.

Não deve ser nem mesmo uma vocação voltada à formação do aluno “para a vida” - como se a vida começasse sempre “depois de uma educação”- ou, pior ainda, uma educação dirigida a capacitar pessoas “para o trabalho”, como se ele fosse a razão última

da pessoa educada e da realização de sua vida. Podemos desconfiar até mesmo uma educação “para a cidadania”, para a criação consciente de futuras pessoas cidadãos”, pois também ela pode e deve ser interrogada. Que cidadania? Através de que caminhos? Para que fins?

Podemos pensar que, bem mais do que o trabalho e a própria ação política, a educação é um bem em si. “Estar se educando” é, hoje, uma idéia bastante mais fecunda do que “ter sido educado”. Cada ciclo da vida humana é um pleno valor em si mesmo. E este valor é o mesmo, entre a mais tenra vida de uma criancinha até os últimos momento de existência terrena de uma pessoa bem idosa. A “vida” pensada em-si-mesma pode voltar à educação a sua face mais ilusória. Pois, abstrata e intemporal ou, então, destinada a ser absorvida a algo que lhe dê sentido, como “o trabalho” ou “a cidadania”, a vida humana pode a tal ponto converter-se em um projeto sempre tão adiado, que nunca surja o momento pleno de começar a vivê-la. E, em termos de vida vivida e em termos de educação, este momento é sempre um “agora. Um pleno “aqui” , neste tempo e neste lugar onde estamos e convivemos.

Se a educação é responsável pela formação de pessoas como uma fase de preparação “para a vida”, para a maturidade”, ou qualquer outra suposta realização futura, isto só tem valor se ela for praticada como uma experiência onde o que importa é o processo pedagógico acontecendo em cada momento de cada ciclo da vida de seus educandos.

Uma educação centrada no fornecimento instrumental de conhecimentos e de habilidades para uma suposta “formação para o futuro”, tem sido cada vez mais pensada agora como uma *contínua*, uma *permanente* atividade de *educar-se* e *estar se educando* para a capacidade de tornar mais fecunda e mais consciente a vivência pessoal e interativa de pessoas. Para viver cada momento disto, tal como isso pode e deve ser integralmente experimentado em cada ciclo de cada existência humana. E eu quero aqui “socializar” a própria face interior da idéia de *ciclo da vida*. Pois ele envolve o presente absoluto e também o processo de transformações de uma pessoa em sua irreversível individualidade, o que em nada tem a ver com o seu “individualismo”. Envolve o mesmo, na referência a grupos interativos de pessoas, de que um bom exemplo é uma “turma de alunos de uma sala de aulas”. Envolve, finalmente, o âmbito ampliado da vida coletiva de círculos mais estendidos de pessoas na construção sempre inacabada da própria vida social.

Sendo uma das dimensões múltiplas da cultura, a educação e tudo o que ela envolve educação constituem dimensões e territórios de sentido próprios

A educação é um campo de teorias e de práticas culturais cuja realidade e cujo motivo de existência não se dissolvem em outras teorias, em outros campos de conhecimento, científico ou não, e em outras práticas sociais. Não se dissolvem, mas coexistem na mais estreita “contaminação”. Pois eles existem como círculos de conhecimentos a respeito da biopsicologia da pessoa e das psicologias derivadas, a respeito dos mundos de cultura e de vida social, de filosofia e de ciências da vida e do mistério do humano estreitamente entrelaçadas, interconectadas e, umas para com as outras, interdependentes.

A educação pode e deve ser continuamente enriquecida por meio da contribuição das múltiplas tradições culturais antigas e atuais, e através das descobertas de diferentes outros campos de saberes, de valores e de sensibilidades. Tal como tem acontecido até aqui, é cada vez mais importante na educação a contribuição da filosofia, da psicologia, das ciências sociais (história e lingüística incluídas), da economia, da biologia, e, agora mais do que nunca, da própria ecologia e de outros campos humanos do conhecimento “puro” e “aplicado” (mas, onde estão as fronteiras entre uma e a outra?) Todo este feixe de aportes é fundamental à consolidação de tradições pedagógicas e ao desenvolvimento de inovações educacionais.

Deve ser próprio da educação, como o é da filosofia e das ciências humanas, o construir-se idealística e ideologicamente através do exercício permanente da crítica e do diálogo. Um bom chão sobre o qual pensar uma educação é diálogo com uma compreensão filosófica da vida e do mundo e, desde o lado de dentro dela (um lado mais parecido com uma praça pública aberta a inúmeras ruas de ida-e-vinda do que com uma “rua sem saída”) com as outras várias visões de mundo. Pois uma ideologia que se sirva da educação e imponha a sua própria maneira de pensar-se e de ser transformada em um projeto pedagógico, é uma perigosa e sempre tentadora amarra. E, bem sabemos, isto vale para ideários políticos e sociais à direita e à esquerda, sempre que eles se imaginem únicos ou tão excelentes que dispensem o confronto das idéias. Aberta à contribuição bem-vinda de todos os campos das ciências e de suas diversas teorias, a educação é universal e do tamanho de nossas convergências humanas. Por isso ela não se esgota em qualquer uma de nossas diferenças. Embora o direito a sermos diferentes deva ser um de seus fundamentos. Sem submeter uma alternativa cultural a qualquer corpo doutrinário, devemos garantir o direito a praticarmos experiências de educação peculiares aos modos de vida consagrados e a serem transformados ao longo de seu próprio percurso.

Hoje em dia, mais do que no passado recente de nossos avós, a educação deve estar aberta a buscas de integração e de interação com todos os outros campos da sensibilidade e do saber humanos. Deve saber abrir-se à mudança e deve aprender a ser

capaz de transformar-se. Sim, de mudar quando preciso, para realizar, de maneira cada vez mais complexa e integrada, a sua própria vocação. E se todos os outros campos da experiência humana em busca do conhecimento estão sendo cada vez mais regidos pela intercomunicação entre os planos de pesquisa, e pela inevitável indeterminação das suas descobertas, estes deverão ser também caminhos da própria educação.

Devemos recriar campos interligados, integrados e interativos de saberes, valores, sentidos e sensibilidades. Uma professora competente de matemática, capaz de conhecer o saber necessário a integrar no que ensina, a física, a astronomia, a química ... e a *canção mínima* de Cecília Meireles. Não porque ela se tornou uma espécie de “polivalente das exatas”, mas porque foi capaz de fazer interagirem em si mesma as integrações de fato significativas e criadoras de sentido e de motivações, para buscar mais e mais conhecimentos situados nos pontos de intercomunicação entre a “sua ciência” e as outras, próximas e remotas.

Alguns exemplos do que tem acontecido com a ecologia e com o ambientalismo poderiam ser lembrados aqui. O que é que temos ali? Temos um complexo cenário de idéias, de teorias, de propostas de ação completamente aberto a descobertas novas. Temos também uma espécie de “terra de ninguém”, pois tudo o que importa saber precisa fazer interagirem conhecimentos que vão da própria ecologia (como uma ciência específica) à psicologia, à antropologia, à economia e à filosofia e daí em diante. A presença de artistas e a contribuição de tradições religiosas e espirituais do Oriente e do Ocidente, antigas ou recentes, é também cada vez mais essencial ali. Enfim, um primeiro plano de conhecimentos mais concretos e mais utilitários a respeito das relações entre os seres da Vida em nosso Planeta e, de modo especial, entre nós e tudo o mais à nossa volta, no “mundo natural”, abre-se de uma maneira criativa e generosa a outros planos de conhecimento. Abre-se a outras dimensões do estabelecimento de valores. Abre-se a amplos vôos de uma compreensão mais integradamente *sábia* do que restritamente *científica*. A um saber que envolve compreensões cada vez mais *integradas* (tudo, inclusive nós, é parte diferenciada de um todo), mais *interativas* (cada fração do que existe depende do todo de que é parte e atua sobre toda esta totalidade) e mais *indeterminadas*, pois onde havia certezas há agora a probabilidade, e onde havia uma fixidez do real e do pensamento há uma abertura ao fluxo, ao processo, a uma visão bastante mais orgânica e mais compreensivelmente holística. Algum dia o que hoje chamamos de *Pedagogia* poderá ser lida também como uma *Ecologia do Saber*.

A educação presencial e vivida através das relações face-a-face pode ser complementada, mas ela é sempre insubstituível

Mais do que nunca devemos nos abrir a possibilidades como as de uma *educação a distância*. Mais do que nunca devemos viver a educação certos de que nada substitui, entre pessoas humanas, a própria relação humana. O relacionamento presencial em que um outro, aqui, na minha frente, se oferta a mim e me desafia a uma interação vivida não somente entre atos formais carregados de sentidos e de significados do saber. Pois se isto me “instrui”, o que me “educa” é aquilo que se passa no interior de uma troca vivida entre gestos face-a-face. Gestos que são trocas, onde os significados do saber cheguem a mim entremeados com os afetos da emoção que ao próprio significado do que é dito dão o sentido profundo existente no modo como “aquilo” foi dito. O momento do encontro, o relacionamento pessoal, interpessoal, face-a-face, corpo-a-corpo, olhos-nos-olhos e coração-com-coração. Os que não consideram isto importante, são como as pessoas que por nunca se haverem apaixonado, dizem a todo o mundo que o amor é dispensável.

A relação interpessoal direta, no estilo sala-de-aula, educa ou está aberta a educar em um sentido pleno da palavra, enquanto a aprendizagem realizada através da mediação substitutiva de equipamentos tecnológicos (vídeos, informática, etc), apenas instrui e habilita. Em termos mais amplos, todos o aparatos da informática hoje postos à disposição das educadoras, apenas complementa o trabalho cotidiano do professor pessoalmente presente *junto a, com e entre* os seus alunos. Deixada a si mesma, a *educação á distância* instrui sujeitos e distancia pessoas. Ela isola sensibilidades, individualiza ao extremo o desejo de aprender e o sentido do saber. E, portanto, praticada assim, ela não educa, pois não realiza a vocação essencial da educação: criar laços e, através deles, nos obrigar a nos tornarmos humanos através da abertura ao outro.

Ao contrário do que seria possível imaginar, em um mundo crescentemente regido pelo poder da ciência e pela divulgação acelerada de tecnologias instrumentais, o lugar dos relacionamentos vivencialmente interpessoais torna-se mais e mais essencial. Tudo pode auxiliar o trabalho do educador, desde que nada, a não ser ele próprio, o substitua. Em um mundo onde a solidão e o seu sofrimento se espalham como uma quase epidemia, em nome do que abrir mão do que é mais amorosamente “feliz” na educação: o conviver com outros os afetos da vida que dão ao saber o seu sabor?

O ofício do educador poderá evoluir e deverá ser transformado; mas não deve desaparecer; e no curso da trajetória humana o professor envolve uma categoria perene e perenemente aperfeiçoável de vocação no curso da existência de pessoas, coletividades e da própria humanidade

Ao contrário do que anunciam algumas pessoas deslumbradas com as inovações da moda e com o surgimento, entre nós, de outros tipos de profissionais e de especialistas, cujo trabalho em boa medida é derivado do ofício de aprender-e-ensinar, a *condição-professor* nunca foi tão indispensável ao destino das pessoas e da própria espécie, como o é agora.

O profissional-da-sala-de-aulas está em sua absoluta atualidade. A prática de uma Educação igualitária, competente e continuada, virá a exigir cada vez mais profissionais que poderão vir a inovar a experiência do ser-professor. Mas, do mesmo modo como vimos acima que toda a ciência não dissolve o saber próprio da Pedagogia, e toda a tecnologia enriquece, sem em nada substituir a prática do educador, aqui também devemos nos dispor a estarmos conscientes de que os desafios sociais e as inovações científicas e/ou didáticas necessitam mais do que nunca do trabalho cotidiano do professor-de-sala-de-aula.

Podemos imaginar mesmo um mundo futuro – de um futuro distante, mas previsível, acredito - em que o trabalho profissional do médico, do dentista, do delegado de polícia e mesmo do advogado venham a ser bastante reduzidos. Afinal, em um mundo mais justo, mais sadio e menos violento, várias ocupações que lidam com a saúde do corpo, com a justiça social e com o controle da violência poderão limitadas, ou mesmo desativadas. Mas, ao contrário, um mundo carente de relacionamentos face-a-face entre as pessoas e exigente de uma circulação do saber em âmbitos cada vez mais amplos e por ciclos de vida cada vez mais estendidos, jamais poderá dispensar o profissional da criação do saber no contexto da experiência cultural do aprender: a professora, o professor.

Ousemos imaginar que a educação que podemos praticar como um elo a mais na cadeia de reciprocidades à volta do saber, do significado, do valor, da sensibilidade e do aprendizado de sociabilidades. Reciprocidades em que, através do ofício de ida-e-volta chamado ensinar-e-aprender, se unem e entrelaçam vidas e idéias ao redor da construção cotidiana daquilo que dá à educação, à escola e a nós, a nossa razão de ser e de trabalhar.

E tudo isto em nome do podemos sonhar que nos toca participar do trabalho com que se criam e recriam pessoas - isto é: os nossos *educandos* - que aprendem a fazerem de si mesmos a vocação de uma generosa vida de pessoa educada ... se é que algum dia alguém está afinal “educado”. Uma pessoa, portanto, desafiada a ser cada vez mais livre, mais densamente crítica, mais criativa, a começar pela aventura de criar-se a si mesmo e à sua própria vida. E, por isso mesmo, mais participante dos compromissos que por se ser

livre se assume. Compromissos relacionados a pensarmos juntos o mundo em que vivemos e a partilharmos do que sempre é preciso pensar e fazer – segundo o horizonte, a motivação e o alcance de cada um – na busca comum de respostas e de soluções.

O trabalho do professor recria o saber, não o reproduz apenas

Precisamos fazer frente a uma falsa compreensão do sentido do educar e da vocação da educadora, em sua dimensão ao mesmo tempo mais profunda e mais essencialmente verdadeira. Não somos educadores-professores porque algo ensinamos a alguém ao longo de nossas vidas. Esta é uma dimensão essencial. Mas não é a dimensão fundadora. Educar significa tornar viva uma dimensão da cultura, do saber, do pensamento, do imaginário, da criação humana, portanto.

Tudo o que a espécie humana criou e segue criando; tudo o que foi pensado e posto por escrito ou em alguma outra duradoura forma de comunicação entre pessoas de uma cultura, em alguma língua; tudo o que a filosofia e as ciências, as religiões e as espiritualidades, as artes e os artesanatos geraram e seguem gerando a cada dia, por toda a parte; tudo o que é uma realização da complexa e múltipla experiência das culturas humanas, sob a forma de saber, de valor, de descoberta, de invenção, de bem, de belo e de verdadeiro, tudo isso, no momento em que “inventado” ou “descoberto” existe em estado de criação. Existe como o momento de um milagre que se repete a todo o momento, por toda a parte, entre todas as categorias de mulheres e de homens. Existe sob a forma de *cultura viva*, aqui e agora se fazendo. Um bolo de aniversário, uma nova cantiga inventada por uma turma de alunas de quarta série, uma descoberta da Genética, uma outra interpretação do Construtivismo, tudo isto existe depois como *trabalho feito*. Existe como uma forma de *cultura morta* ou, se quisermos ser menos trágicos, como uma *cultura realizada* e, deixada impressa, gravada ou como seja, como um momento adormecido da cultura de um povo.

Está pronta, mas nunca acabada, na forma de um livro guardado entre outros em uma estante; de um artigo entre outros listados em uma revista especializada; de um cd-rom, ou mesmo de um www. Mas também sob a humilde forma de uma tabuada de aritmética, de uma gramática da língua portuguesa, de um álbum de desenhos de uma professora, de um cartão postal com um fragmento de poema de Adélia Prado. De uma página escrita ontem em seu diário, leitora amiga.

Está ali, inerte e à espera.

À espera do quê? À espera de ser uma outra vez chamada à *vida da cultura*. Chamada ao lugar social, qualquer que seja, onde entre uma pessoa e um livro, entre duas pessoas através de um livro, entre várias pessoas através de algo um dia escrito em um livro, um momento de diálogo se instaura. À espera de retornar ao lado *vida da cultura*. Os

fragmentos de Heráclito ou o poema escrito por Vinícius de Moraes (carioca da Gávea, como eu) em algum dia de maio de 1972, retornam à vida. Retomam a sua própria substância e a sua energia revivificada e revivificadora. Uma “tabuada do 7”, re-ensinada em uma pequenina escola rural, re-acorda de repente toda a Matemática. Um poema lido, mesmo que seja para ensinar algo sobre os “verbos irregulares”, reacende toda a poesia alguma vez escrita no mundo. E se for lido apenas para que em algum lugar de uma escola algumas pessoas vivam a maravilha de conviver entre elas através de um poema partilhado entre todas, então toda a arte de criar com as palavras se reacende.

Tudo o que se descobriu quando um momento de gênio (que pode estar habitando em qualquer uma de nós, também) pensou algo e, do que já se sabia, disse e escreveu o que se sabe a partir de então, retorna à vida quando em qualquer escola uma professora e uma “turma de alunos” retomam “aquilo tirado de um livro” ou do que seja, e trazem de volta à vida o lampejo de uma idéia.

É de uma infinita teia de partilha do saber através do trabalho de aprender-ensinar-aprender, que fazemos parte. E tão mais real e mais fecunda do que outras incontáveis redes e teias imaginadas por tanta gente, como o alcance de seu vigor e esquecido entre nós! Nós, professoras e professores, ninguém menos do que aqueles a quem toca o dever de não deixar que o saber e o valor desapareçam, através do ofício de recolocá-los, vivos outra vez, em algum tempo e lugar onde as pessoas, só de aprendê-los, os salvam de deixarem de existir.

Pois o fundamento do trabalho do educador não está apenas em que ele “ensina” e, assim, no como ele “transmite” ou “transfere” conhecimentos úteis de uma geração de pessoas a uma outra. Isto é muito importante, mas é apenas complementar. O que dá à educadora a sua identidade e ao seu ofício o seu sentido, é que ela responde, no universo de símbolos e de significados de seu cotidiano de vida social pelo trabalho de *recriar o saber* através do gesto de recolocá-lo de volta em um momento de vida da própria existência da cultura humana. Este é o trabalho essencial de um professor. Ele retoma conhecimentos “adormecidos” e os convoca de volta ao único lugar onde o símbolo, o sentido, o saber e o valor existem de fato: a interação entre pessoas convidadas ao diálogo que torna atual um conhecimento e, através deste gesto de intercomunicação, faculta o próprio aprendizado.

Cecília Meireles morreu. Os poemas dela estão escritos, estão postos em livros; foram interpretados em um sem número de artigos, talvez possam ser ouvidos em algum disco, em voz própria ou de um outro intérprete. Estão “ali”, inertes, adormecidos; cultura feita, poema escrito, arte realizada e à espera.

Então quando um de nós toma um livro e lê isto aos alunos, ou com eles:

*No mistério do Sem-Fim,
equilibra-se um planeta.
E, no planeta, um canteiro;
no canteiro, uma violeta,
e, sobre ela, o dia inteiro,
entre o planeta e o Sem-Fim,
a asa de uma borboleta.*

O poema chamado *canção mínima* volta à vida¹. Volta do sono do livro ao lado vivo da cultura. Porque alguém o recriou ao dizê-lo, porque um múltiplo alguém o reinventou ao ouvi-lo, ao senti-lo, ao conviver com a beleza através disto. Porque um círculo de pessoas reuniu-se em algum lugar para repensar o mistério do Universo através de um apanhado de palavras que entrelaçam o “Sem-Fim” com a “Asa de uma borboleta”.

Um momento de uma leitura acorda um poema. A partilha de um poema convoca uma mulher poeta a fazer-se reviver ali, a vir estar-com. Por causa do que pode ser “feito” e vivido através do poema e da mulher, a própria poesia reinventa a sala-de-aulas, enquanto se recria nela e no que se dialoga por meio dela, ao mesmo tempo em que (até) se aprende algo. E este é, pensemos bem, um caminho sem fim, porque sempre algo feito está adormecido, está inacabado e pode voltar a um novo momento de existência criativa, como quando uma criança soletra em verso. E ainda porque esta criança e todos nós estamos também sempre inacabados, e podemos estar sempre prontos a criar, uma outra vez, um lugar e uma cena onde, acordando uma fração do saber da cultura, acendemos *em e entre* nós uma fagulha do gesto de aprender.

Somos professores porque partilhamos com outras pessoas a aventura do aprender, E somos educadores porque, retornando aos gregos, somos em nosso ofício os “portadores do logos”.

Nenhuma educação é neutra, e a educação que se diz “neutra” é a educação que fez uma escolha, pois toda a educação é uma escolha e nos conduz a escolhas nela, através dela e para além dela

Nada é “neutro” na educação. Nada é isento de escolhas. Isto é, nada é vazio de sentidos, de valores, de orientações para a vida individual ou para o destino de comunidades humanas, aquilo que vai de uma família a toda a humanidade. Porque mais do que quase tudo, a Educação está envolvida com o desafio da formação não apenas de agentes profissionais da economia através do trabalho, mas também com a gestação de tipos de pessoas humanas sob a forma de sujeitos de algum modo co-responsáveis pela

¹ Pode ser encontrado na página 163 de *Cecília Meireles – obra poética*, da Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1985.

criação de seus próprios mundos sociais. Por causa de ser assim, a Educação participa também, em linha direta, da produção social de estilos de vida, de visões de mundo (cosmovisões e sociovisões) e de idéias e de disposições pessoais e interativas associadas a projetos de reprodução de transformação da sociedade.

O que eu aprendi para saber sobre mim mesmo e a minha vida? E sobre os sentidos da vida humana? O que eu aprendi para saber a respeito da vida social? E a respeito dos universos de conhecimentos, de valores e dos imaginários criados e estabelecidos em tão diferentes dimensões de minha cultura e também de outras culturas? O que aprendi e o que sigo permanentemente aprendendo a respeito de tudo o que me envolve como pessoa-no-mundo e a todos os outros, aqueles com quem reparto diferentes dimensões de minha vida e de meu dia, para decidir por mim mesmo sobre como, porque e onde participar da tomada de decisões a respeito de tudo isto? Que tipo de pessoa e de identidade social eu aprendo a fazer corresponder aos meus afetos, às minhas idéias e aos meus gestos, ao me representar como um sujeito-valor?

Como um indivíduo devotado a si mesmo em uma arena de lutas em busca do sucesso profissional e seus e derivados, em um mundo de interações com outros que me aparece como regido, de pleno direito, pela lógica e segundo a ética do mercado neoliberal de bens, serviços e sentidos. Ou como alguém que se me reconhece como um ator em busca de ser por mim mesmo um participante, em minha escala possível de gestos de partilha, dos processos sociais de teor político destinados a estender os meus direitos e deveres de pessoa responsável pela condução de meu destino e do presente e futuro de meu lugar cultural de vida cotidiana?

Hoje, como antes, a educação é um campo de opções a respeito do presente e do futuro. A não ser nas situações em que ela é um momento de instrução, ou se rebaixa a ser um fornecimento de saberes destinados a uma habilitação restrita da vida realizada como uma forma de trabalho, ela é sempre e nunca pode deixar de ser um lugar de confrontos entre idéias e valores dirigidos ao conhecimento que pensa o mundo e à ação que pode transformá-lo em algo mais humano.

Imagino que, então, o ideal seria o conseguirmos equilibrar uma *educação do gesto poético*, lembrada por Rubem Alves, com uma *educação do ato político*, sempre reclamado por Paulo Freire.

Muitas vezes em seus escritos e em suas falas Marilena Chauí tem lembrado que não se vive uma experiência de democracia quando tão somente se partilha com outros uma existência pronta e “dada” de um mundo social. Mesmo que ele seja uma sociedade onde não haja desigualdade social e nem a exclusão perversa, e onde, de uma maneira justa, igualitária e eqüitativa as mesmas leis são distribuídas por igual a todas as pessoas. Ao contrário, vive-se uma situação de democracia cidadã quando se experimenta por conta própria a sua fragilidade, a sua permanente imperfeição e a sua possibilidade de

aperfeiçoar-se sempre e cada vez mais. E só se vive pessoal e interativamente a democracia, quando se vive a experiência de sua própria criação. Como um mundo social que as pessoas constroem como o lugar social da pessoa da cidadã, ao participarem, como um direito e um dever do ofício da liberdade, do trabalho solidário de criar e recriar as suas próprias leis.

A “escolas sem política” é a escola de uma pedagogia que deseja negar às pessoas que educam e se educam, o dever e o direito de se educarem para serem atoras e autoras conscientes e críticas de seus pensamentos, de suas palavras e de seus atos. Logo, pessoas que não são apenas habitantes passivos de uma cidade construída, mas cidadãos conscientes, criativos e participativos na criação de sua *polis*, de seu lugar de vida e de destino. Logo, pessoas que são educadas para serem criadoras de atos de construção de seus mundos, e não apenas produtoras de bens para um mercado que ignora a sociedade e, através disto, ignora pessoas como seres socialmente políticos.

BIBLIOGRAFIA:

ARROYO, Miguel. *Ofício de Mestre*. Petrópolis: Vozes, 2001

CLASTRES, Pierre. *A Fala Sagrada*. São Paulo: Papyrus, 1987.

MEIRELES, Cecília. *Obras Completas* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.